



## GT 039. Feiras, mercados, capitais e potencialidades

Maria Catarina Chitolina Zanini (UFSM) - Coordenador/a,  
Lídia Maria Pires Soares Cardel (Universidade Federal da Bahia) - Coordenador/a

objetivo deste GT ? refletir sobre os processos produtivos, as dinâmicas interativas, as unidades familiares de produção da agricultura rural e urbana, bem como as especificidades de seus locais de mercado. Compreendemos que os procedimentos de produção, consumo e distribuição de alimentos dialogam com os aspectos da vida cotidiana voltados para os hábitos alimentares, para o saber/fazer na transformação dos alimentos, como também, para as diversas formas de trabalho humano na relação com a terra, com o bioma e com os bens da natureza. Neste sentido, entendemos que as estruturas conceituais que separavam as sociabilidades urbanas e rurais devem ser revistas para que novos constructos analíticos possam emergir. Em suma, esperamos estabelecer um diálogo objetivo e subjetivo que permeie os vários processos produtivos, de circulação e de consumo de bens e processos gerados pelo modo de produção familiar. Pretendemos, igualmente, agregar estudos que pensem novas opções e ferramentas teórico-metodológicas para refletir acerca das feiras como lugares de mercados variados em que muitos capitais circulam (econômico, cultural, político, de conhecimento e outros) e nos quais muitas dinâmicas se processam simultaneamente, fazendo deste um espaço repleto de significados e potencialidades.

### **Dos Mascates ao Senegalês do óculos: Os estrangeiros no comércio de rua do Rio de Janeiro**

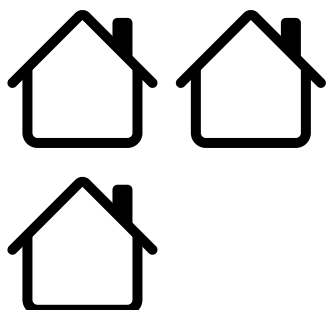
**Autoria:** Miriam de Oliveira Santos, ALINNE FERREIRA DA SILVA

O Mercado da praça XV situado na região central da cidade do Rio de Janeiro, próximo ao porto, e primeiro mercado cosmopolita da cidade foi abatido pela sanha reformadora dos prefeitos da cidade. Hoje só resta uma das torres transformada em restaurante. Os projetos urbanos da cidade baniram os mercados para subúrbios distantes: Madureira, Benfica, Irajá... Onde os únicos estrangeiros eram os comerciantes portugueses e ocasionalmente um espanhol. A cidade só volta a ter um comércio cosmopolita com a fundação da SAARA (Sociedade dos Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega), na década de 1960, que teve um papel fundamental como espaço de integração entre as diferentes etnias árabes que consolidaram seus comércios na Rua da Alfandega (RIBEIRO, 2000). A associação reivindicou para a região o título de maior mercado à céu aberto do mundo e onde se concentram, desde meados do século XX, imigrantes sírios, libaneses, judeus e mais recentemente coreanos e chineses. Contudo mais que na SAARA, o cosmopolitismo mercantil do Rio de Janeiro se encontra cada vez mais nas ruas da zona sul, onde é possível ver estabelecidos um ao lado do outro: Equatorianos, senegaleses, sírios e brasileiros. Alguns legalizados e com barraquinhas, outros atuando como ambulantes, especialmente na praia, outros que estendem um pano no chão sobre o qual colocam artesanato ou produtos típicos de seus países. O objetivo desse work é apresentar uma breve etnografia do comércio de rua na Zona Sul do Rio de Janeiro, abordando especialmente os estrangeiros que se dedicam a esse work e buscando entender suas relações com as feiras e mercados da cidade bem como suas interações com os demais participantes do comércio de rua da cidade e refletir sobre os diversos capitais que circulam junto com as mercadorias. A metodologia utilizada foi a observação participante com entrevistas não estruturadas, também utilizamos a fotografia, que muitas vezes permite perceber aquilo que não foi observado diretamente, e a pesquisa bibliográfica e documental.

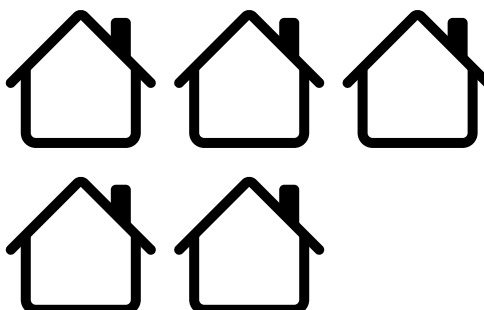
[Trabalho completo](#)



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

